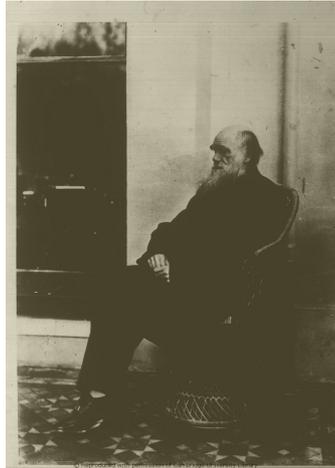


## **CRISE DE SUPER-PRODUÇÃO E CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL**

Rodrigo de Souza Dantas Mendonça Pinto



### **RESUMO:**

A maior crise econômica do capitalismo no pós-guerra revelou a insuficiência da mais-valia disponível diante da massa de capitais que busca as condições de sua máxima valorização no mercado mundial. Este artigo analisa os fatores estruturais que vem produzindo a queda da taxa de lucro do capital desde o final da década de 60.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crise; Capitalismo; Marxismo.

### **ABSTRACT:**

The greatest economic crisis of capitalism in the post-war revealed the insufficiency of the plus-value available in the face of the mass of capital that pursues the most advantageous conditions for its reproduction on the world market. This article analyses the structural factors which have been producing the decline of the tax profit since the end of the 60'.

**KEYWORDS:** Crisis; Capitalism; Marxism.

Vivemos hoje aquela que já pode ser considerada a maior crise do capitalismo no pós-guerra. Como a grande crise que se estendeu ao longo dos anos 30 e só pôde se 'resolver' na Segunda Guerra Mundial, ela nasceu no epicentro do imperialismo, os EUA, marcando o fim do período

de expansão que se seguiu à restauração capitalista na Rússia, no Leste Europeu e na China, em que as derrotas históricas sofridas pela classe trabalhadora e o fim do primeiro século da revolução social abriram caminho para a ofensiva do capital pela supressão de todas as barreiras à sua reprodução ampliada. Assim como em 1929, estamos mais uma vez diante de uma grande crise de super-produção desencadeada pela explosão de uma bolha especulativa no coração do sistema financeiro da maior economia do planeta. Ao tentar romper os limites estruturais da lei do valor e instaurar um “regime de acumulação financeira”, o capitalismo produziu uma massa de capitais excedentes e fictícios sem precedentes na história<sup>1</sup>. Como todas as grandes crises do capitalismo, a que agora se inicia é a expressão concreta do fato de que não há produção e extração de mais-valia suficiente para alimentar a imensa massa de capitais sobre-excedentes que diariamente circula nos mercados financeiros de todo o planeta. Uma imensa montanha de capitais fictícios, de títulos e ações especulativamente infladas, de créditos e dívidas podres em cadeia foi artificialmente construída e permanentemente inflada com a cumplicidade ativa dos organismos internacionais, do sistema financeiro, dos Estados nacionais e de suas autoridades monetárias em todo o planeta. Ao fim e ao cabo, o descolamento entre os mais diversos tipos de ativos financeiros em circulação no planeta foi estimado até meados de 2008 como algo que ultrapassa a fantástica cifra de 680 trilhões de dólares para um PIB

---

<sup>1</sup> “Para Marx, o capital fictício é a acumulação de títulos que são ‘sombras de investimentos’ já feitos mas que, como títulos de bônus e ações, aparecem com o aspecto de capital a seus proprietários. Não são capital para o sistema como um todo, para o processo de acumulação, mas o são para seus proprietários e, em condições normais de expansão dos processos de valorização do capital, rendem a seus proprietários juros e dividendos. Seu caráter fictício se revela em situações de crise. Quando sobrevêm crises de super-produção, quebra de empresas, etc., se percebe que este capital não existia... Por isso também pode ler-se nos jornais que tal ou qual quantidade de capital “desapareceu” em alguma oscilação da Bolsa: estas somas nunca haviam existido como capital propriamente dito, a despeito de que, para os proprietários destas ações, representavam títulos que davam direito a dividendos, juros e lucros”. François Chesnais, “*Como la crisis de 29, o más... Um nuevo contexto mundial*”. In Chesnais, F. e Alejandro Iturbe *Crack del Capitalismo Mundial*. Copyleft. Condor Editores. Peru. 2008. P.44.

mundial em torno de 60 trilhões de dólares<sup>2</sup>. A insuficiência crescente da mais valia produzida diante da super-produção e da super-acumulação de capitais desencadeou uma espiral de queda da taxa de lucro que não pôde ser contida nem mesmo pela maior intervenção já feita pelos Estados nacionais na economia, que já injetaram até meados de 2009 mais de dez trilhões de dólares para salvar bancos e empresas falidas e injetar liquidez no sistema financeiro em decomposição.

Antes que se manifestasse a trajetória de queda da taxa de lucro em 2007, prenunciando o aprofundamento da crise em 2008, já havia claros sinais de que uma grave crise estava se preparando nos subterrâneos do capital. Na esteira da restauração do capitalismo na Rússia, no Leste Europeu e na China e do fim daquele que foi o século mais revolucionário da história, durante duas décadas de expansão 'globalizada' do capital houve um crescimento brutal da quantidade de capitais que disputam pela apropriação da mais-valia produzida<sup>3</sup>.

A super-produção, a sobre-acumulação e o sobre-investimento de capitais no regime de acumulação do capital financeirizado estendeu-se

---

<sup>2</sup> De acordo com o Banco Internacional de Compensações (BIS), o total de contratos derivativos no mundo é de 683 trilhões de dólares, incluindo nesta estimativa todos os contratos negociados nas bolsas de valores do mundo (<http://www.bis.org/statistics/otcder/dt1920a.pdf>).

<sup>3</sup> Os principais fatores determinantes da expansão do capital depois da crise dos anos 70 foram: a) a restauração do capitalismo na China, na Rússia, no Leste Europeu e na Ásia, que abriu novas fontes de matérias-primas e novos mercados consumidores, permitindo ao imperialismo explorar diretamente os trabalhadores destes países, principalmente na China e na Ásia, que se transformaram na 'fábrica do mundo' mediante a oferta de mão de obra barata e abundante; b) a quebra dos monopólios estatais e sua privatização, abrindo espaço para a exploração direta das riquezas naturais; c) as privatizações das empresas estatais, dos serviços públicos e da infra-estrutura da sociedade, que permitiu ao capital explorar diretamente uma grande quantidade de trabalhadores e auferir grandes lucros monopolistas mediante o controle de setores da economia que até então se achavam sob o poder do Estado; d) o fim das reservas de mercado e de outros mecanismos protecionistas, com a abertura das economias nacionais ao investimento das corporações que operam no mercado mundial; e) os ganhos de produtividade e o aumento na extração de mais-relativa advindos da introdução das novas tecnologias de informação e comunicação na base dos processos produtivos; f) a introdução de novas formas de aumento da exploração do trabalho assalariado e de extração de mais-valia absoluta e relativa, advindos dos processos de 'reestruturação produtiva', da 'flexibilização' das relações trabalhistas, das terceirizações, do aumento da informalidade, da generalização de contratos precários, da eliminação sistemática de direitos e conquistas sociais e trabalhistas, etc. g) a liberalização e a desregulamentação dos fluxos de capital, que permitiu ampliar enormemente a oferta de créditos e capitais e sua crescente mobilidade em todo o planeta.

muito além das condições concretas de sua valorização indefinidamente ampliada pela extração de mais-valia adicional a partir da mais-valia já acumulada. Se a massa de capitais sobre-acumulados investidos no mercado financeiro permitia a ampliação dos processos diretos de produção de valor e mais-valia, ela também dava origem às mais diversas operações especulativas de reprodução fictícia do capital, exercendo, como um imenso aspirador da mais-valia produzida, uma pressão cada vez maior sobre a reprodução do capital como um todo<sup>4</sup>. Quanto maior a quantidade de mais-valia acumulada e reinvestida, mais acirrada a concorrência entre os capitais pela extração de mais-valia adicional e por sua apropriação e tanto maior a pressão para um aumento correspondente no processo de extração de mais-valia. Mais cedo ou mais tarde, a super-produção de capitais não poderia deixar de sobrepujar a produção de mais-valia adicional, produzindo a queda da taxa de lucro e, com ela, o derretimento inevitável dos capitais aos quais já não correspondia qualquer massa de valor e mais-valia<sup>5</sup>. Os números que retratam a profundidade da crise e a análise das tendências estruturais do capitalismo indicam que podemos estar no início de um longo período de destruição e declínio das forças produtivas, em que o capital não terá outra saída senão utilizar os mais violentos meios a seu alcance para restaurar as condições de reprodução ampliada<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> “Não estamos diante de uma “crise financeira”, ou de uma “crise de novo tipo; estamos mais uma vez diante de uma crise clássica, originada pela queda da taxa de lucro, que se vê agravada pelo caráter cada vez mais especulativo do capitalismo e a hipertrofia do circuito financeiro. Há uma pressão cada vez mais feroz dos capitais circulantes sobre a mais-valia extraída, que derruba a taxa de lucro”. Alejandro Iturbe. *A pior crise capitalista desde 1929?* Informe oral apresentado no IX Congresso Mundial da Liga Internacional dos Trabalhadores-Quarta Internacional (LIT-CI). In: *Revista Marxismo Vivo*, nº 19, 2008, p. 22.

<sup>5</sup> “Marx chamou “hiper-equação da taxa de lucro” a soma de toda a mais-valia extraída em cada um dos setores da economia dividida pela soma de todos os capitais investidos. Esta conta nos dá a taxa média de lucro que obtém a burguesia num momento determinado. Se a vemos a partir do ingresso destes capitais parasitários, temos que a mais-valia segue sendo o resultado da soma de mais-valia que se extraiu na produção; mas os capitais crescem cada vez mais, sem que este aumento ajude a produzir nova mais-valia”. Iturbe, op. cit., p. 21.

<sup>6</sup> Vejamos o que dizem alguns dos principais dados da economia mundial. Em 2008, nos EUA, a queda na produção industrial foi de 10%; no quarto trimestre deste mesmo ano, depois do estouro da bolha especulativa do mercado imobiliário e do anúncio da falência de grandes bancos e empresas, a queda do PIB nos EUA foi de 6,2%. No primeiro

Em nossa época, a análise da curva de longo prazo do crescimento capitalista e de suas tendências estruturais já não permite que suas crises possam ser consideradas como um desvio anômalo numa curva virtuosa de crescimento ampliado e indefinido, como gostariam de nos fazer acreditar os apóstolos do capital. O que se passa é exatamente o contrário. O ritmo de crescimento da economia mundial vem diminuindo nas últimas quatro décadas e, ao que tudo indica, tende a desacelerar-se cada vez mais no futuro<sup>7</sup>. A taxa de lucro média, para além de suas oscilações conjunturais, sofre uma trajetória de queda histórica desde o fim dos anos 60. A despeito das diferenças decorrentes das diversas modalidades de cálculo adotadas nestes estudos, todos eles convergem em apontar que, depois de um forte crescimento nos anos do pós-guerra até 1967, uma tendência de queda até 1980, uma recuperação irregular até 2000, seguida de nova queda e de uma nova recuperação entre 2003 e 2005,

---

trimestre de 2009, a situação se agravou: a queda no PIB foi de mais 6,1%, a da produção industrial chegou a 20% e a taxa de investimento caiu 39,2%, números que não se verificavam desde os anos 30. Na Europa, a situação é igualmente grave. Com seus bancos diretamente afetados pelos investimentos que mantém nos EUA e envolvidos na quebra de países do leste europeu, a produção industrial teve uma queda de 12% na Alemanha e de 9% na Inglaterra. A previsão de queda no PIB alemão para o ano de 2009 chega a 6%, enquanto a estimativa para o conjunto do continente europeu é de uma queda de mais de 4%, o que jamais havia se verificado desde os anos 30. No Japão, que se arrasta desde os anos 90 numa crônica estagnação econômica, a queda na produção industrial em 2009 foi de 10% em janeiro e mais 9,4% em fevereiro. O PIB da segunda maior economia mundial caiu 15,2% na taxa anualizada do primeiro semestre de 2009. A China – país que mais cresceu nas duas últimas décadas – vive uma desaceleração muito forte: o crescimento de seu PIB, que girava em torno de 13% ao ano, caiu para cerca de 6%. Na Rússia, a previsão é de que seu PIB caia mais de 6% em 2009; no primeiro trimestre de 2009, a queda foi de 9,5%, e a previsão de queda para o segundo semestre situa-se entre 8,7 e 10%, o que pode significar uma queda no ano ainda maior do que a prevista. Na América Latina, a previsão do FMI aponta para uma queda de 1,5% do PIB, próxima à queda estimada para o PIB mundial em 2009. O comércio internacional, fortemente afetado pela contração do crédito e pela queda na produção industrial, sofreu uma queda de 17,5% em volume entre novembro de 2008 e janeiro de 2009 (taxa anualizada de 44%), e de 22% em valores – a primeira desde a Segunda Guerra Mundial. A previsão de queda no fluxo de capitais para os países coloniais e semi-coloniais é de cerca de 80% nos próximos anos. Desde o início do período mais agudo da crise, em setembro de 2008, até meados de 2009, 23 países já tiveram de recorrer ao FMI.

<sup>7</sup> Alguns importantes estudos que tratam deste assunto, com diferentes metodologias de cálculo, mas todos eles apontando para uma tendência consistente de queda da taxa de lucro nas últimas quatro décadas: A. Shaikh. *Valor, acumulación y crisis: ensayos de economia política*. Bogotá. Tercer Mundo Editores. 1991. Gérard Duménil e Dominique Lévy. *The real and financial components of profitability*. Paris. MODEM-CNRS and CEPREMAC-CNRS. 2005. J.L.G. González. *Tendencia histórica de la tasa de ganancia en EE.UU. (1929-2006)*. [www.geocities.com/redeculturalin/tasadeganancia2007](http://www.geocities.com/redeculturalin/tasadeganancia2007).

desde 2006 a taxa de lucro entrou em queda livre. A taxa de lucro em 2004 não só era bem menor que em 1967, mas também menor que o pico da taxa de lucro nos anos 90, que jamais chegou a se aproximar dos níveis atingidos no longo período de crescimento do pós-guerra. Estes estudos demonstram empiricamente a queda da taxa de lucro e que ela coincide com o início dos períodos de crise. Demonstram que, desde o final da década de 60, estabeleceu-se um padrão de ciclos de expansão da taxa de lucro cada vez mais curtos, interrompidos com frequência cada vez maior por períodos de queda, em que a recuperação se dá sempre em níveis mais baixos que no período anterior, como demonstra a curva do PIB mundial ao longo deste período. Demonstram, por fim, que a trajetória historicamente ascendente da taxa de lucro está sendo revertida já há quatro décadas.

Estamos, portanto, ao que tudo indica, diante de uma inflexão histórica na trajetória da taxa de lucro. A lei tendencial da queda da taxa de lucro formulada por Marx havia sido contrabalançada pelo que ele mesmo havia exposto como a ação de seus mecanismos contrários<sup>8</sup> durante o longo período de ascendência histórica do capital em escala mundial, o que fez com que muitos imaginassem que ela havia sido desmentida e o capitalismo seria de fato capaz de reproduzir-se de forma indefinidamente ampliada. Mas esta aparência não resistiu à prova da história: enquanto os fatores contrários à lei predominaram sobre a sua dinâmica interna, a taxa de lucro manteve-se numa trajetória histórica de

---

<sup>8</sup> Na formulação de Marx, os fatores que agem contrariamente à lei tendencial da queda da taxa de lucro são: o aumento do grau de exploração do trabalho; a redução dos salários; a queda no preço dos elementos do capital constante e do capital variável; a formação de uma super-população relativa como conseqüência do crescimento do desemprego determinado pela dinâmica de substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto, pressionando para baixo o preço da força de trabalho; a dívida pública; o comércio exterior; e o aumento do capital em ações, com o desenvolvimento do sistema financeiro. Outros fatores que surgiram historicamente depois da obra de Marx poderiam ser acrescentados, tais como, p. ex., o papel assumido pelo Estado como estrutura política de comando do capital no financiamento, supervisão e regulação das condições de reprodução ampliada do capital e no desenvolvimento do complexo militar-industrial. Observe-se que, caso a luta de classes não coloque limites à exploração do capital, todos estes fatores contrários à queda da taxa de lucro representam uma tendência estrutural a intensificação permanente e cada vez mais violenta do domínio do capital e da exploração do trabalho. Karl Marx. *O Capital*. Livro III, Terceira Parte.

crescimento; desde que estes mesmos fatores já não são capazes de compensar as determinações da lei, a taxa de lucro entrou numa trajetória em queda.

Há razões estruturais para esta inflexão numa época em que o sistema inerentemente auto-expansivo do capital se acha em vias de concluir sua expansão como sistema globalmente expandido e integrado. Uma vez que o planeta está em vias de ser inteiramente colonizado pela auto-reprodução destrutiva do capital, as condições de sua valorização indefinidamente ampliada não poderiam deixar de se tornar a cada dia mais estreitas. Já não há novos espaços para a expansão do capital, novas fontes de matéria-prima, força de trabalho e extração de mais-valia e novos mercados consumidores que ainda possam ser incorporados nas mesmas proporções do passado. Já não há novos territórios, povos e recursos naturais a serem absorvidos pela expansão imperialista como nos séculos de história do processo de mundialização do capital. As possibilidades de uma auto-reprodução indefinidamente ampliada do capital são dadas, em última análise, pelos limites do planeta, que são os limites do capitalismo. Na Ásia e nos países mais pobres da África e América Latina o capital está se lançando hoje à exploração de suas últimas fronteiras em sua busca por recursos naturais e exploração de mão de obra cada vez mais barata.

Na raiz da crise de 2008 está o fato de que os poderosos mecanismos de expansão do capital imperialista nas últimas décadas (ver nota 3) não lograram deter a tendência de queda da taxa de lucro. A transferência da produção industrial para países com mão de obra barata visando ampliar a capacidade de extração de mais-valia foi o principal fator determinante para a expansão do capital no último período, provocando a queda do valor da força de trabalho em todo o mundo, mas seus efeitos tendem a se esgotar; a intensificação do processo de exploração do trabalho, mesmo se aproximando de níveis de exploração próximos aos praticados no século XIX, não se mostra capaz de produzir mais-valia suficiente para alimentar a plethora de capitais sobre-

acumulados que disputam pelas condições de sua máxima valorização no mercado mundial. Os ganhos obtidos com a privatização dos monopólios estatais e a exploração direta dos recursos naturais já foram realizados e incorporados ao regime de acumulação; à medida que estes recursos não são inesgotáveis, a tendência é que os custos de sua exploração se tornem cada vez mais elevados, pressionando para baixo a taxa de lucro. Os lucros monopolistas e os ganhos obtidos com a privatização das empresas estatais, dos serviços públicos e da infra-estrutura da sociedade e do Estado e a mercantilização intensiva de todos os setores da vida social já não podem continuar a reproduzir-se nas mesmas proporções das últimas décadas. Os ganhos de produtividade e o aumento na extração de mais-relativa obtidos com o que alguns chamaram a ‘terceira revolução industrial’, impulsionada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, já foram igualmente incorporados pelo regime de acumulação. O investimento maciço de capitais no complexo militar-industrial e o recurso ao chamado ‘keynesianismo de guerra’ (decisivos para a superação da crise dos anos 30) já foram utilizados pelos EUA nas invasões do Iraque e do Afeganistão e não podem ser praticados na mesma extensão que no passado pela simples razão de que uma nova guerra de proporções mundiais significaria hoje a destruição da vida e o colapso do planeta. Os mecanismos de endividamento estatal e o recurso à “intervenção” do Estado na forma da injeção trilionária de “fundos públicos” em grandes bancos e empresas monopolistas falidas já vêm sendo utilizados fartamente pelas principais economias do planeta para salvaguardar e impulsionar as condições privadas de reprodução ampliada do capital<sup>9</sup>. Imensas massas de mais-valia têm sido arrancadas

---

<sup>9</sup> Algumas economias se preparam para enfrentar sua pior dívida pública desde a Segunda Guerra Mundial. Os dados são do Fundo Monetário Internacional (FMI), que em meados de 2009 estima um gasto, apenas dos países ricos, no valor de US\$ 9,2 trilhões para salvar bancos e dar liquidez ao mercado financeiro. O montante já gasto e prometido por governos para ajudar as instituições financeiras equivale a quase oito vezes o PIB brasileiro, de cerca de US\$ 1,5 trilhão. Além de ter de emprestar e salvar bancos, governos viram suas arrecadações despencarem diante da queda da produção e do consumo. Por isso, o FMI alerta que a crise terá um efeito de longo prazo. Até 2014, projeta-se que as dívidas do governo do Japão somarão 239% de seu PIB, na Itália, 132% do PIB, e nos EUA, elas saltarão de 63% do PIB para 112%. Segundo o Fundo, os países

do Estado para financiar a dívida estatal galopante e os investimentos e lucros dos grandes conglomerados privados e, em momentos de crise como agora, trilhões de dólares têm sido canalizados pelo Estado para restaurar o crédito, a “confiança”, a demanda, o investimento e a acumulação privada de capital, às custas de uma elevação brutal do endividamento estatal. Esta “fuga para diante”, em que o Estado busca injetar mais capitais fictícios para assegurar a valorização dos já existentes, não pode prosseguir *ad eternum* sem fazer crescer explosivamente o endividamento público, sobretudo num cenário de crise de super-produção, queda da taxa de lucro, endividamento generalizado, contração da arrecadação e elevação do déficit fiscal<sup>10</sup>.

Voltamos assim a nosso ponto de partida: a crescente insuficiência do processo de extração de mais-valia diante do estoque de capitais historicamente sobre-acumulados, que vem determinando, na mesma medida, uma violência crescente no processo de exploração do trabalho e extração de mais-valia.

As condições de reprodução indefinidamente ampliada do capital são restringidas, em última análise, pelos limites colocados pelas próprias fontes da vida e da produção de valor e de toda a riqueza que pode ser socialmente produzida: a natureza e o trabalho dos seres humanos. No que diz respeito à natureza, os limites do capitalismo são os limites do planeta: quanto mais estes limites são ativados, mais elevados se tornam os ‘custos’ da natureza e mais restritas as possibilidades de reprodução ampliada do capital. O que aqui está em jogo não é propriamente a

---

ricos deverão atingir um déficit em seu orçamento de 10,2% de seus PIBs ao final do ano. Para muitos países, esse será o maior déficit desde o final da Segunda Guerra Mundial.  
<sup>10</sup> “O Federal Reserve (Banco Central) dos EUA cria mais capital fictício para conservar a ilusão no valor de capitais que estão derretendo-se e desvalorizando-se, com a perspectiva de ter, num determinado momento, a possibilidade de aumentar fortemente a pressão fiscal, mas em realidade não poderá fazê-lo, porque isso significaria o congelamento do mercado interno e a aceleração da crise como crise real. Assistimos pois a uma fuga para frente que não resolverá nada.” (...). “O problema é saber quanto tempo se poderá ter como único método de política econômica criar mais e mais liquidez,... Será possível que não haja limites a criação de capital fictício sob a forma de liquidez para manter o valor do capital fictício já existente? Esta me parece uma hipótese demasiado otimista e, entre os economistas norte-americanos, muitos duvidam disso”. François Chesnais, op cit., p. 49-50.

viabilidade do capitalismo, mas a própria sobrevivência da humanidade; na era da produção destrutiva, já deve estar suficientemente claro para todos em que medida a reprodução indefinidamente ampliada do capital representa uma ameaça letal às bases sócio-metabólicas mais elementares da existência humana em nosso lar planetário.

De outra parte, Marx demonstrou que o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho socializado sob o regime do capital restringe gradativamente a participação do trabalho vivo (capital variável) na produção de valor e mais-valia em relação ao montante de capital constante (trabalho morto, na forma de maquinaria, capital constante) e de capitais sobre-acumulados que buscam as condições de sua valorização (sobre-incremento da composição orgânica do capital, na forma da hiper-trofia crescente do capital financeiro). Com a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto, a base de extração de mais-valia adicional a partir da mais-valia já acumulada se torna tanto mais estreita quanto maior a parte do capital constante em relação à parte do capital variável na composição orgânica do capital, determinando a dinâmica histórica da queda da taxa de lucro, e com ela, o acirramento permanente e inevitável de todas as contradições, antagonismos e limites históricos e estruturais do capital<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> “A mais-valia origina-se apenas da parte variável do capital, e vimos que a quantidade de mais-valia é determinada por dois fatores: a taxa de mais-valia e o número de trabalhadores empregados ao mesmo tempo. Dada a jornada de trabalho, a taxa de mais-valia é determinada pela proporção em que a jornada se reparte em trabalho necessário e trabalho excedente. O número dos trabalhadores ocupados depende da proporção existente entre capital variável e capital constante. É claro que a produção mecanizada, por mais que amplie, aumentando a produtividade do trabalho, o trabalho excedente à custa do trabalho necessário, só obtém este resultado diminuindo o número de trabalhadores ocupados por dado montante de capital. Ela transforma uma parte do capital que antes era variável, investido em força viva de trabalho, em maquinaria, em capital constante, que não produz mais-valia. (...)Essa contradição imanente se patenteia quando, com o emprego generalizado da maquinaria num ramo industrial, o valor da mercadoria produzida à máquina regula o valor de todas as mercadorias da mesma espécie, e é essa a contradição que, por sua vez, impele o capitalista, sem tomar consciência disso, a prolongar sem medidas jornada de trabalho, a fim de compensar a redução do número relativo dos trabalhadores explorados com o aumento, tanto do trabalho excedente relativo, quanto do absoluto”. Karl Marx. *O Capital*. Livro I. Cap. XIII. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003, p. 464-65.

Na concorrência entre os capitais, a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto torna-se inevitável à medida que ela aumenta a produtividade do trabalho e a capacidade de extração de mais-valia relativa e diminui os custos de produção das mercadorias. Com isso, alguns intelectuais orgânicos do capital imaginaram que os limites físicos e sociais para a extração da mais-valia absoluta poderiam ser superados pelas possibilidades abertas pela extração de mais-valia relativa, abrindo espaço para a “nova economia” e para a reprodução indefinidamente ampliada do capital na “sociedade do conhecimento”. Todavia, à medida que a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto altera a composição orgânica do capital, tornando a base de extração de mais-valia (investimento em capital variável) cada vez menor em relação ao montante de capitais investidos diretamente em maquinaria (capital constante) e ao montante de capitais sobre-acumulados no sistema financeiro, a tendência de queda da taxa de mais-valia em relação seja à massa de mais-valia seja ao montante de capitais investidos torna-se inevitável<sup>12</sup>. Esta tendência só pode ser contrabalançada pelo aumento da massa de mais-valia extraída em termos absolutos, que não é capaz de reverter a tendência de queda da taxa de mais-valia, ou pelo aumento da taxa de exploração do trabalho (prolongamento da jornada de trabalho, intensificação de seu ritmo, queda da massa salarial, em suma, aumento na extração de mais-valia absoluta), que se torna possível a partir do momento em que a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto sob o domínio do capital produz o desemprego de massas em escala cada vez mais ampliada<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> O maior exemplo empírico deste processo, consideravelmente reforçado pelo sobre-incremento da composição orgânica do capital provocado pelo crescimento vertiginoso da massa de capitais que circula nos mercados financeiros, está no Japão: no país mais automatizado do planeta, em que a substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto foi mais longe, a estagnação econômica instalou-se desde o início dos anos 90, com a taxa de lucro em queda constante e o crescimento do PIB apresentando tendência negativa, que irá apenas acentuar-se com a crise econômica mundial e pode levar a uma queda de até 15% do PIB em 2009; caso ela se confirme, será provavelmente a maior em todo o mundo para este ano.

<sup>13</sup> “Portanto, a fórmula da maquinaria é: não a diminuição relativa da jornada individual de trabalho – jornada esta que é parte necessária da jornada de trabalho – mas a redução da quantidade de trabalhadores, isto é, das muitas jornadas paralelas, formadoras de

Se por um lado o aumento da produtividade produz a diminuição do tempo de trabalho necessário e o aumento do tempo de trabalho excedente cujo valor pode ser apropriado pelo capitalista, gerando aumento imediato da taxa de mais-valia e da taxa de lucro para os capitalistas individuais, por outro, na medida em que leva ao incremento sistemático do capital constante na composição orgânica do processo global de produção do capital, ele acaba produzindo, no longo prazo, a tendência de queda da taxa de lucro para o sistema como um todo. Os meios utilizados para a valorização do capital entram assim em contradição com os próprios fins da valorização do capital. Os ganhos de produtividade aferidos pelo capitalista individual num primeiro momento, na forma de um acréscimo na extração de mais-valia relativa, ao serem depois incorporados pelos outros capitais, geram a taxa média cada vez mais elevada de produtividade do trabalho e a tendência concomitante à queda nos preços das mercadorias. Com a concorrência implacável entre os capitais pelo aumento na extração de mais-valia relativa e pelo barateamento do valor das mercadorias, forma-se o círculo vicioso determinante para que prevaleça ao final a tendência de queda da taxa de lucro para o capital como um todo: quanto mais o capital busca superar seus limites pelo aumento da extração de mais-valia relativa mediante o desenvolvimento tecnológico, maior se torna a proporção de investimento em capital constante em relação ao investimento em capital variável, mais estreitas as bases de extração de mais-valia em relação ao montante de

---

uma jornada coletiva de trabalho, fundamental à constituição da maquinaria. Em outros termos, uma quantidade determinada de trabalhadores é posta para fora do processo de produção e seus postos de trabalho extintos como sendo, ambos, inúteis à produção de mais-trabalho. (...) O trabalho passado juntamente com a circulação social do trabalho são apreendidos como meios de tornar supérfluo o trabalho vivo. (...) A oposição entre capital e trabalho assalariado desenvolve-se, assim, até sua plena contradição. É no interior desta que o capital aparece como meio não somente de depreciação da capacidade viva de trabalho, mas também como meio de torná-la supérflua. Em determinados processos isso ocorre por completo; em outros, essa redução se efetua até que se alcance o menor número possível no interior do conjunto da produção. O trabalho necessário coloca-se, então, imediatamente como população supérflua, como excedente populacional – aquela massa incapaz de gerar mais trabalho”. Karl Marx. *Manuscritos de 1861-1863*, caderno XX, In “*Zur Kritik der Politischen Ökonomie (Manuskript 1861-63)*”, Mega, II, 3.6. Berlim, 1982, pp. 2053-2059. Traduzido do original alemão por Jesus J. Ranieri. Apud, Daniel Romero, *Marx e a Técnica*. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2005, p. 237-238.

capitais investidos e menor a taxa de lucro para o sistema como um todo. Os limites do capital não são dados, portanto, apenas pelos limites da natureza ou pelos limites físicos e sociais que se colocam para a extração de mais-valia absoluta; eles são dados também pelos próprios limites e contradições estruturais que se colocam para a expansão indefinida da extração de mais-valia relativa.

O desenvolvimento das forças produtivas sob a lógica do capital também diminui, relativamente, a capacidade e a necessidade que tem o capital de empregar trabalho vivo para sua reprodução ampliada, provocando a elevação sistemática do desemprego e a formação do que Marx designou como uma super-população relativa que já não pode mais ser absorvida pelo capital no processo de sua produção<sup>14</sup>. A tendência de queda da taxa de lucro só pode ser compensada ao longo deste processo à medida que a oferta excedente de força de trabalho pressiona para baixo seu valor, tornando mais favoráveis as condições para a extração de mais-valia e moderando a queda da taxa de lucro pelo incremento constante do grau de exploração do trabalho. A economia de tempo de trabalho propiciada pelo desenvolvimento das forças produtivas, que poderia levar ao incremento constante do tempo livre disponível e a uma quantidade de trabalho necessário cada vez menor para a satisfação de necessidades humanas cada vez mais ampliadas, no sistema capitalista traduz-se na escalada do desemprego e da exploração cada vez mais violenta do trabalho em meio a um processo de concentração e centralização de capitais sem precedentes na história<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> A lei da população formulada por Marx no Livro I do Capital, Parte Sétima, capítulo XXIII, foi historicamente confirmada pelo desenvolvimento histórico do capitalismo. No século XIX e durante boa parte do século XX, a super-população relativa produzida pela introdução do capitalismo no campo e pela expansão do capital industrial foi a principal responsável pelo povoamento do continente americano. Na segunda metade do século XX e no começo do século XXI, com a plena mundialização do capital, o desenvolvimento do capitalismo no campo e o deslocamento da produção industrial para os países coloniais, semi-coloniais e periféricos do sistema, o fluxo migratório se inverteu, mas agora em direção contrária ao fluxo de capitais que buscam maximizar as condições de sua valorização pela exploração de mão de obra barata e abundante: ele parte agora dos países periféricos para a Europa, os EUA e o Japão, pressionando para baixo o valor da força de trabalho em todo o mundo.

<sup>15</sup> “A maquinaria, como instrumental que é, encurta o tempo de trabalho; facilita o trabalho; é uma vitória do homem sobre as forças naturais; aumenta a riqueza dos que

As forças produtivas historicamente desenvolvidas pelo capitalismo entraram assim em contradição com as relações sociais de produção, propriedade e poder inerentes ao capital como modo de produção e reprodução social. O desequilíbrio estrutural entre a massa de capitais que excede as condições de seu investimento na produção e na extração de mais-valia e a oferta cada vez mais excedente de força de trabalho tende a converter a classe trabalhadora mundial num imenso exército industrial de reserva, que não pára de crescer com o ritmo cada vez mais acelerado imprimido pela substituição maciça do trabalho vivo pelo trabalho morto. Toda esta dinâmica destrutiva que só poderá ser superada pela progressiva supressão do poder social do capital é apenas agravada pelo fato de que os capitais concorrem no mercado mundial, enquanto a auto-defesa da classe trabalhadora está ainda confinada aos limites do Estado nacional e às condições de sua fragmentação e estratificação subordinada na divisão hierárquica e alienada do trabalho social.

Uma vez que a massa de capitais cresce mais rapidamente que a massa salarial e o desemprego não cessa de aumentar com o aumento da produtividade do trabalho, a capacidade de consumo dos produtores de riqueza não pode acompanhar no mesmo ritmo a expansão do investimento, da produção e da acumulação de capitais, o que contribui para a hipertrofia cada vez maior do capital financeiro, o sobre-incremento cada vez maior da composição orgânica dos capitais, a queda cada vez mais acentuada da taxa de lucro e a tendência à irrupção cada vez mais frequente de crises de super-produção cada vez mais intensas. Para continuar a reproduzir-se, o capital não tem alternativa senão alimentar-se de uma massa crescente de mais-valia, que ele só pode obter pela mais ampla exploração possível do trabalho humano. Não é por outra razão que sua tendência a produzir a queda da taxa de lucro obriga o capital a deslocar a produção industrial para países que oferecem mão de obra

---

realmente produzem; mas com sua aplicação capitalista, gera resultados opostos: prolonga o tempo de trabalho, aumenta sua intensidade, escraviza o homem por meio de forças naturais, pauperiza os verdadeiros produtores”. Karl Marx. *O Capital*, Livro I. Cap. XIII. P. 504. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003, p. 504.

barata e abundante, retornando a níveis de exploração semelhantes aos praticados no século XIX e rebaixando o valor das mercadorias e da força de trabalho em escala mundial<sup>16</sup>.

Chegamos assim à formulação da contradição que está no epicentro do desenvolvimento histórico do capitalismo como modo de produção: o desenvolvimento das forças produtivas, o aumento constante de sua produtividade e a substituição maciça do trabalho vivo pelo trabalho morto não pode ser levado às últimas consequências pelo capital sem que se produza a queda cada vez maior da taxa de lucro, o crescimento exponencial do desemprego de massas e a tendência à queda da massa salarial e à precarização das condições de vida e de trabalho da imensa maioria da classe trabalhadora mundial<sup>17</sup>. Ali onde o desenvolvimento das forças produtivas tende a derrubar a taxa de lucro e restringir gradativamente as condições de reprodução do capital, sua permanência histórica só pode ser assegurada pela exploração cada vez maior do trabalho, a ampliação cada vez violenta do desemprego e a destruição cada vez mais predatória da natureza<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> “Em 2006, o salário mínimo nas indústrias primárias da China era de US\$ 115, e o salário mínimo nacional em torno de US\$ 80. (...) A jornada de trabalho legal tampouco é obedecida. O padrão nos anos precedentes à crise era de 12 a 14 horas por dia, sete dias por semana e 1 dia mensal de descanso”. Marcos Margarido, *China: a fábrica do mundo*. In *Marxismo Vivo*, nº 20, 2009, p. 72.

<sup>17</sup> “O verdadeiro limite da produção capitalista é o próprio capital. É o fato de que nela são o capital e sua própria valorização o que constitui o ponto de partida e a meta, o motivo e o fim da produção. O fato de que aqui a produção só é produção para o capital, e os meios de produção não são simples meios para ampliar cada vez mais a estrutura do processo de vida da sociedade dos produtores. Daí que os limites dentro dos quais têm de se mover a conservação e a valorização do valor-capital, que depende das expropriação e do empobrecimento das grandes massas de produtores, choquem-se constantemente com os métodos de produção que o capital se vê obrigado a empregar para conseguir seus fins, que tendem ao aumento ilimitado da produção, à produção pela produção mesma, ao desenvolvimento incondicional das forças sociais produtivas do trabalho. O meio empregado – desenvolvimento incondicional das forças produtivas do trabalho social – choca-se constantemente com o fim perseguido, que é um fim limitado: a valorização do capital existente. Por conseguinte, se o regime capitalista de produção constitui um meio histórico para desenvolver a capacidade produtiva material e criar o mercado mundial correspondente, envolve ao mesmo tempo uma contradição constante entre esta missão histórica e as condições sociais próprias deste regime”. Karl Marx, *El Capital*. Vol. III. México, FCE, 1973. P. 248.

<sup>18</sup> Em 1931, John Maynard Keynes publicou um ensaio com o título ‘*Possibilidades econômicas para nossos netos*’. Nele, Keynes argumenta que a combinação entre acúmulo de capitais e desenvolvimento científico e tecnológico, embora produza num primeiro momento o chamado desemprego estrutural, poderia gerar, no longo prazo, ‘a

Estão dadas assim as condições para a precarização permanente das condições de vida e de trabalho da imensa maioria da população mundial: entramos na era da produção destrutiva, em que os custos naturais e sociais da reprodução ampliada do capital tendem a se tornar crescentemente insuportáveis. Mesmo que o equilíbrio rompido pela crise de super-produção seja mais uma vez restaurado a partir da intervenção dos Estados, as condições de reprodução ampliada do capital sejam restabelecidas e os limites de sua dominação mais uma vez estendidos, as dimensões da crise e as duras medidas que o capital inevitavelmente terá de tomar para superá-la apontam, no próximo período, para o previsível agravamento de todas as suas contradições, antagonismos e tendências estruturalmente destrutivas.

Se o equilíbrio da ordem do capital em crise vier a ser restaurado, sob que bases, com que custos e por quanto tempo este equilíbrio ainda poderá se impor? A crise de 2008 prepararia crises ainda mais extensas e duradouras, assim como a diminuição dos meios de evitá-la? Como reagirá a classe trabalhadora à intensificação da exploração capitalista? Diante da marcha cada vez mais acelerada dos processos destrutivos, o capitalismo ainda se acharia em condições de desenvolver as forças produtivas, preservar as bases naturais da vida, restaurar as condições de

---

solução para o problema econômico da humanidade'. Keynes projeta um desenvolvimento das forças produtivas que, no prazo de cem anos, nos colocaria muito próximos de nos tornar livres de necessidade de trabalhar para satisfazer as necessidades humanas: segundo suas projeções, em torno de 2030 não teríamos de trabalhar mais que 15 horas semanais e poderíamos dedicar o restante do tempo ao lazer e à cultura. As condições objetivas para a emancipação do gênero humano estariam dadas e a centralidade histórica da acumulação de riqueza e da lei da produtividade do trabalho perderia seu sentido, permitindo que a humanidade retornasse a uma ética que condena a usura, a avareza e o amor pelo dinheiro. Mas Keynes nos alerta que enquanto este tempo não chegar, *“por pelo menos mais um século devemos fingir para nós mesmos e para os outros que o justo é injusto e o injusto justo; pois o injusto é útil e o justo, não”*. O que o otimismo de Keynes não leva em consideração são as determinações que decorrem das relações sociais de produção, propriedade e poder inerentes ao capitalismo: enquanto estas relações perdurarem, toda a economia de tempo de trabalho propiciada pelo aumento permanente de sua produtividade terá de continuar a ser absorvida pelo processo global de produção do capital, fazendo com que o desemprego não cesse de incrementar a explosiva formação de uma crescente super-população relativa, cuja existência permite que o prolongamento da jornada de trabalho, sua intensificação e a queda no valor da força de trabalho sejam sistematicamente utilizados como principal recurso de que dispõe o capital para contrabalançar a tendência estrutural à queda da taxa de lucro.

sua reprodução ampliada e fazer progredir a humanidade<sup>19</sup>? Ou estaríamos entrando numa época de destruição e declínio irreversíveis das forças produtivas, uma época da história da luta de classes que será marcada por crises, guerras e revoluções, uma época revolucionária portanto, em que estará mais uma vez colocada aos revolucionários de todo o mundo a tarefa consciente de construir as condições para a retomada da ofensiva socialista em escala mundial?

Texto recebido em outubro de 2009.  
Aprovado para publicação em outubro de 2009.

### **SOBRE O AUTOR:**

Rodrigo Dantas é professor adjunto da Universidade de Brasília no Curso de Filosofia.

### **REFERÊNCIAS:**

CHESNAIS, F. e ITURBE, A. **Crack del Capitalismo Mundial**. Copyleft. Condor Editores. Peru. 2008.

DUMÉNIL, Gérard e LÉVY, Dominique. **The real and financial components of profitability**. Paris. MODEM-CNRS and CEPREMAC-CNRS. 2005.

GONZÁLEZ, J.L.G. **Tendencia histórica de la tasa de ganancia en EE.UU.** (1929-2006).

[www.geocities.com/redeculturalin/tasadeganancia2007](http://www.geocities.com/redeculturalin/tasadeganancia2007).

---

<sup>19</sup> A questão central desenvolvida por István Mészáros em sua obra resume as questões e desafios colocados à humanidade no século XXI: “Sob que condições o processo de expansão do capital pode atingir seu final em uma escala verdadeiramente global, trazendo consigo, necessariamente, o fim das revoluções esmagadas e deturpadas, abrindo assim a nova fase histórica de uma ofensiva socialista que não pode ser reprimida? Ou para colocar de outro modo: quais são as modalidades viáveis – embora de modo algum inexauríveis – de revitalização do capital, tanto com respeito às suas válvulas de escape diretas como em relação ao seu poder de adquirir novas formas que significativamente estendam suas fronteiras no marco de suas determinações últimas e de seus limites históricos mais gerais?” István Mészáros, *Para além do capital*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002, p. 591.

MARGARIDO, Marcos. “China: a fábrica do mundo”. In **Marxismo Vivo**, n° 20, 2009.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Nova Abril, 1988.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

ROMERO, Daniel. **Marx e a Técnica**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2005.

SHAIKH, A. **Valor, acumulación y crisis: ensayos de economia política**. Bogotá. Tercer Mundo Editores. 1991.